

Graça Alexandra Pinho Silva

A Electro-Cerâmica do Candal e as suas comunidades:
Interagir e incluir em processo de musealização. Abordagem preliminar.

A Electro-Cerâmica do Candal e as suas comunidades: Interagir e incluir em processo de musealização. Abordagem preliminar.

Graça Alexandra Pinho Silva

gracaalex@gmail.com

RESUMO

A Empresa Electro-Cerâmica (EEC), Candal - V.N. de Gaia, é um testemunho relevante de património industrial e técnico. Com origem em 1914, as contingências da vida e sucessivas mudanças quanto ao modelo de gestão, culminando com o de parque empresarial, conduziram a alterações e perdas patrimoniais significativas.

Em fase embrionária de projeto de musealização, este trabalho pretende potenciar o papel das comunidades na preservação, valorização, partilha e vivência do remanescente. Neste contexto, o foco incide no setor que se desenvolveu dentro e em redor da EEC.

Até ao momento, considerou-se prioritário testar o estabelecimento de contato e a interação com o conjunto ainda existente de funcionários, seus familiares e descendentes, no sentido de aferir estratégias de atuação para sua inclusão. Os métodos assumidos foram a pesquisa documental e a pesquisa por inquérito, através de entrevistas semiestruturadas, gravadas em formato áudio. Os resultados preliminares revelam realidades e sentimentos quase antagónicos relativos à memória da EEC, em função da experiência vivida na altura em que a empresa encerrou e foi assumido o último modelo de gestão, demonstrando a necessidade de definição de estratégias de abordagem também diferenciadas.

PALAVRAS-CHAVE

Empresa Electro-Cerâmica do Candal;
Património Industrial e Técnico;
Identidade; Musealização;
Integração da comunidade.

ABSTRACT

The Electro-Ceramic Company (EEC), Candal - V.N. Gaia, is a relevant testimony of industrial and technical heritage. With origin in 1914, the contingencies of life and successive changes in the management model, culminating with that of the business park, led to significant changes and patrimonial losses.

At an early stage of musealization project, this work aims to enhance the role of communities in the preservation, valorization, sharing and living of the remnant. In this context, the focus is on the sector that has developed within and around EEC.

So far, it has been considered a priority to test the establishment of contact and interaction with the still existing set of employees, their families and descendants, in order to evaluate strategies for their inclusion. The methods adopted were documental research and survey research, through semi-structured interviews, recorded in audio format. The preliminary results show almost antagonistic realities and feelings related to the memory of the EEC, based on the experience lived at the time the company closed and the last management model was assumed, demonstrating the need to define different strategies of approach.

KEYWORDS

*Electro-Ceramic Company of Candal;
Industrial and Technical Heritage;
Identity; Musealization;
Community integration.*

NOTA BIOGRÁFICA

Graça Silva, Licenciada em Arqueologia desde 2008 pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), colaborou de forma voluntária em escavações entre 2005 e 2008, concluiu o curso de pós-graduação em Património, especialidade de Património Urbano em 2010, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL). Frequentou o Mestrado em Museologia da FLUP nos anos letivos 2015/2016 e 2016/2017.

BIOGRAPHICAL NOTE

Graça Silva, graduated in Archaeology since 2008 by the Faculty of Arts of the University of Porto (FLUP), collaborated voluntarily in excavations between 2005 and 2008, concluded a post-graduation in Heritage, speciality of Urban Heritage in 2010, at the Nova School of Social Sciences and Humanities (FCSH-UNL). Attended the MA in Museology of FLUP in the years 2015/2016 and 2016/2017.

INTRODUÇÃO

A evolução industrial é marca indiscutível da nossa contemporaneidade, conduzindo à obsolescência de grandes complexos industriais e técnicos e, a par da II Guerra Mundial e da reconstrução e expansão das cidades, à perda de muitos dos primeiros exemplos de património industrial por todo o mundo. A automatização e as máquinas cada vez mais autossuficientes vêm, por outro lado, tomar lugar nos postos de trabalho e as antigas manufaturas dão lugar a grandes empresas. Os conhecimentos e saberes manuais dos operários são, ao longo dos anos, substituídos por tarefas rotineiras e de produção em série (Matos, Ribeiro, & Santos, 2003).

O desaparecimento de algumas indústrias, e/ou a substituição de variadas funções de operários por máquinas, conduzem ao esquecimento e à perda do saber-fazer das manufaturas. Em 2003 surgem dois importantes documentos que importa referir. A Carta de Nizhny Tagil, elaborada pelo The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH), que realça que:

“O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim

como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação.” (TICCIH, 2003, p. 3).

E a Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, pela Unesco, que aponta como sua finalidade “a salvaguarda do património cultural imaterial; o respeito do património cultural imaterial das comunidades, grupos e indivíduos envolvidos; a sensibilização a nível local, nacional e internacional para a importância do património cultural imaterial e da sua apreciação recíproca; a cooperação e assistência internacionais” (UNESCO, 2003, p. 3). Em ambas, e sempre numa perspetiva integrada dos patrimónios, se fundamenta a reflexão e os objetivos deste trabalho.

1. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Em 1914, foi criada a Mourão & C^a, Lda., uma sociedade por quotas constituída por escritura datada de 17 de janeiro (ADP, 1914, pp. 27v-28v). Guimarães (2009, p. 13) dá-nos conta de que o seu administrador, Joaquim Pereira Ramos, tinha já criado, em nome individual, uma pequena oficina para o fabrico de aparelhagem elétrica, na Rua 24 de Janeiro, em Lisboa, adquirindo as porcelanas nuas de que precisava para a produção à Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, em Ílhavo, Portugal. No entanto, as dificuldades no incremento desta pequena oficina e na aquisição de tais materiais

levaram-no, já em nome desta Sociedade, a adquirir uma propriedade no Lugar da Fonte das Regadas, no Candal, Vila Nova de Gaia. Mais concretamente na Quinta das Regadas, constituiu a sede e montou uma unidade industrial onde, apenas com 40 operários e num espaço de 1200m², passou a produzir porcelanas para os sistemas elétricos.

Com o objetivo de “exercer a indústria e o comércio de artigos de porcelana, acessórios elétricos e quaisquer outros artigos que os sócios julguem conveniente que seja a sociedade a fabricar” (Guimarães, 2009, p. 14), em 1915, a Mourão & C^a, Lda., dá lugar à Empresa Electro-Cerâmica, Lda.

A 1^a Grande Guerra vem impor à Electro-Cerâmica, bem como a outras indústrias do país, várias dificuldades financeiras devido, sobretudo, às proteções do mercado nacional, à carência de matérias-primas, à falta de capital e pessoal competente e à dificuldade na importação do carvão. No entanto e apesar das dificuldades, Saraiva¹ (1985, p. 1) refere que a empresa vai ampliando o seu espaço e dando lugar a uma indústria cada vez mais ativa na produção de pequena aparelhagem elétrica para instalações de baixa tensão, que havia necessidade de produzir, dadas as dificuldades de importação.

As dificuldades referidas conduzem a uma nova reestruturação da empresa e, em 1919, constitui-se a Empresa Electro-Cerâmica, SARL (ECC). A partir desta data, a empresa ganha um novo fôlego e, para além da pequena aparelhagem que já produzia, começa a produzir tubo Bergmann². A partir de Saraiva (1985, p. 3), sabe-se que a Administração tinha a ambição de

produzir também outros produtos. Para tal e em 1920, adquiriu uns prédios rústicos situados nas Regadas, para a construção de uma secção de embalagens e escritórios novos, e terrenos, destinados à constituição de duas novas unidades industriais de produção de lâmpadas e condutores elétricos. No entanto, estes novos projetos não chegaram a concretizar-se por dificuldades financeiras. É construído um pequeno laboratório para o ensaio e fabrico de isoladores de alta tensão, apetrechado em 1922 para ensaios até 220.000 volts, que seria, já nessa altura, reconhecido como o melhor da Península Ibérica e um dos melhores da Europa, sob a direção do Engenheiro Augusto Bastos Ferreira do Amaral.

A empresa vem a enfrentar uma grande crise. Em 1926, é obrigada a contrair um empréstimo no valor de 9.000.000\$00, na Companhia de Crédito Predial Português, e, em 1936, é realizado um acordo com a Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre, em que cada uma adquire 50% do capital da Sociedade de Porcelanas e se compromete a não realizar vendas em determinadas regiões do país, de forma a viabilizar a sociedade nessas regiões (Saraiva, 1985, pp. 3-4).

Constata-se que, sem dúvida, a ECC foi uma das empresas mais modernas do seu tempo e uma das primeiras a produzir eletricidade para consumo próprio e produção das suas porcelanas, tendo instalada uma central equipada com geradores a gás e dois motores; um de 100HP, de modelo Otto horizontal, e outro vertical de 4 cilindros de 300HP de potência, da marca *Campbell*, que acionavam um alternador de 65 KVA e outro de 210 KVA. Chegou mesmo a forne-

cer energia elétrica para a pouca iluminação pública do concelho, enquanto decorriam as negociações entre a Câmara de Gaia e a Hidro-Elétrica do Varosa, a pedido do vereador, Armindo Ramos, à altura, em 1920/21, Secretário da Assembleia geral da ECC. A central voltou a funcionar em força no decorrer da 2ª Grande Guerra, quando se deu um racionamento da energia elétrica (Saraiva, 1985, p. 61).

No ano de 1945, a ECC encontra-se, mais uma vez, bastante endividada e o seu credor, a Companhia Geral de Crédito Português, executa a sua garantia, que correspondia a 99,98% do capital das ações para cumprimento da dívida. A Companhia Geral de Crédito Português e a Fábrica de Porcelanas da Vista Alegre chegam a um acordo em que todas as dívidas da empresa são saldadas e é concedido novo empréstimo para reestruturação económica de 5.000.000\$00 (dívida saldada em 2005). Desta forma, o Grupo Vista Alegre passa a ser o único produtor de porcelanas para uso doméstico e decorativo, cerâmica eletrotécnica e pequena aparelhagem elétrica. A ECC passa a concentrar o fabrico da pequena aparelhagem elétrica, isoladores, tubagens em plástico, tubo Bergmann e tubagens em policloreto de vinilo [PVC, de poly(vinyl chloride)], enquanto a porcelana de mesa fica centrada na Sociedade de Porcelanas. Dá-se também uma reestruturação da economia da empresa, agora dotada de nova e mais moderna tecnologia e com o novo fôlego da eletrificação do país e com a abertura dos mercados internacionais (Guimarães, 2009, p. 26).

A expansão para o mercado angolano ocorre em 1964, quando é inaugurada uma filial em Luan-

da, cuja produção assentava, sobretudo, no fabrico de tubagem em PVC mas também em pequena aparelhagem elétrica, novos produtos em crescimento no mercado nacional, principalmente o PVC rígido, que passa a ser utilizado largamente por todo o país, no abastecimento de águas e saneamento. A década seguinte foi, novamente, de fortes movimentações, sobretudo depois de 1974, devido a diversos fatores, tais como: a perda dos mercados coloniais, a abertura das fronteiras nacionais, a concorrência de grandes economias, a finalização da eletrificação do país e o forte espírito reivindicativo da época, com os decorrentes aumentos salariais e contratos coletivos. Com a independência de Angola, em 1975, a unidade de Luanda perde-se (Guimarães, 2009, pp. 28-29).

No final dos anos 80, dá-se uma nova e profunda reestruturação, em que o modelo de gestão adotado assumiu a cisão das atividades em empresas individuais e a transformação do espaço, edifícios e terrenos, num parque empresarial; o Candal Park - Centro de Negócios e Empresas. Assim, em 1987, dá origem à Ecoplás, Empresa de Plásticos Técnicos, SA (fabrico de PVC), à EC – Material Eléctrico, SA (fabrico de pequena aparelhagem elétrica) e à Cerisol Isoladores Cerâmicos, SA (fabrico de isoladores cerâmicos). Em 1989, a Ecoplás, SA é vendida ao grupo finlandês NESTE e, no mesmo ano, a EC – Material Eléctrico, SA passa a pertencer à GE Power Controls Portugal. A Cerisol é a única que ainda se encontra em atividade (Candal Park, 2005).

Em 1989, com a constituição do parque empresarial, a EC – Material Eléctrico, SA e a Cerisol

Isoladores Cerâmicos, SA, tornam-se os seus primeiros inquilinos, pagando um preço pelo espaço ocupado. E é desta forma que “localizada em Vila Nova de Gaia, numa área encaixada entre a auto-estrada e uma malha urbana de carácter rural ... a área edificada da Empresa Electrocerâmica do Candal vai-se desenvolvendo ao longo do tempo através de transformações de um terreno de “quinta” num terreno de “fábrica” até à situação actual de Parque Industrial” (Oliveira, 1998, p. 233).

Tal como o conhecemos, o Candal Park - Centro de Negócios e Empresas constitui-se como espaço de reconversão e permanência da memória industrial da cidade. Contando com mais de 110 empresas residentes e uma oferta de 170 espaços para arrendar, comemorou, em março de 2016, 27 anos com a atual gestão e apresenta-se com o objetivo de apoiar o “crescimento e desenvolvimento sustentado da economia nacional, através da adaptação e criação de formatos mais flexíveis, apostando em novos serviços” (Candal Park, 2016).

O processo de reconversão da ECC em parque empresarial conduziu a sérias perdas para o património da antiga empresa, na medida em que, para adaptação de espaços a novas funcionalidades, alguns dos pavilhões foram totalmente reconstruídos e alterados enquanto algumas estruturas desapareciam por completo, dando lugar a edifícios mais modernos e com aspeto totalmente diferente.

No entanto, é de salientar que a atual Administração mostrou, desde cedo, alguma vontade em preservar o passado da antiga empresa. Prova disso é a estrutura que serve de edifício

administrativo, que exhibe a sua traça original, bem como a designação de alguns edifícios e a toponímia das ruas entre eles, que integrou os nomes dos setores que ali funcionavam anteriormente. Houve, igualmente, a preocupação em guardar uma pequena parte da coleção que ainda se encontrava no local, tal como exemplares da produção de pequena aparelhagem elétrica de vários tipos, de loiça comum e moedas, assim como a documentação relacionada com os antigos operários; livros de atas, registo de visitas e álbuns de fotografias anteriores à atual função.

Não obstante a perda, a reconversão ocorrida não deixou que um espaço tão grande como o da ECC caísse no esquecimento e em estado ruinoso, a que, infelizmente, temos muitas vezes assistido em antigos espaços industriais desativados, a diferentes escalas territoriais.

2. OBJETIVO GERAL

Em fase embrionária de projeto de musealização, este trabalho pretende potenciar o papel das comunidades na preservação, valorização, partilha e vivência do remanescente. Comunidades que, globalmente, se desenvolvem em torno de interesses comuns, de grupos de indivíduos que participam das condições gerais de vida e interação, em relações pluridisciplinares, afetivas e sociais. Neste contexto, o foco incide no setor que se desenvolveu dentro e em redor da ECC, constituído pelos operários, diretores, médicos e outros, que, ao longo de quase um século, fizeram parte do dia-a-dia da empresa. Mais do que uma atividade económica,

a EEC criou uma máquina social, que atraía população, envolvia a do Candal, de toda a cidade e arredores, se multiplicava em funções e crescia para lá dos muros, criando espaços de lazer e serviços e contribuindo para o desenvolvimento local, que interessa conhecer e dar a conhecer.

3. MODELOS DE REFERÊNCIA

Apesar de existirem vários projetos de interesse ao nível do património industrial e que aqui poderíamos apontar, quer a nível nacional como internacional, sobretudo pelo maior enfoque que as populações têm dado à preservação deste tipo de património, salientam-se apenas três projetos (Tab. 1), dois a nível nacional e um a nível internacional, que entendemos irem ao encontro, por um lado, das características da ECC enquanto indústria de importância social e, por outro, por apresentarem projetos inovadores e, sobretudo, integradores da comunidade.

O Museu da Chapelaria, em São João da Madeira, apresenta no seu projeto vários aspetos que achamos interessantes ao nível da integração da comunidade e também algumas características que vão ao encontro da realidade da ECC. Interessa apontar: Nasce em 2005, como primeiro museu dedicado à indústria da Chapelaria da

Península Ibérica, cujo objetivo mais básico seria o de homenagear os homens e mulheres que trabalharam na empresa que mais contribuiu para a história e desenvolvimento da região. O museu pretendia, e pretende ainda hoje, mostrar no seu espaço museológico imagens, maquinaria, ferramentas e chapéus que marcaram a história da atividade, bem como as histórias e vivências dos trabalhadores. No fundo, apresentar a dimensão social, humana e cultural de uma comunidade (Museu da Chapelaria, 2016).

Para o estudo desta antiga fábrica foi criada uma equipa multidisciplinar que tinha, como ponto de partida, três vertentes de estudo: projeto arquitetónico, projeto e programa museográfico e investigação antropológica (Lira, 2006, p. 76). No campo antropológico, com maior interesse para o particular contexto de reflexão, o trabalho foi feito a partir da recolha de testemunhos orais, das memórias individuais e coletivas, através de entrevistas e do registo das mesmas em suporte áudio, que poderá ser usado futuramente pelos profissionais. Este tipo de investigação no terreno foi parte importante no projeto museográfico adotado pelo museu. Pretendeu, e pretende-se criar uma complementaridade entre o património material e imaterial. *“A indústria da chapelaria inclui máquinas, ferramentas e*

Tab. 1 - Casos de referência e reflexão.

Período	Projeto	Localização
2002 - 2004	Museu da Chapelaria	São João da Madeira
2009 - ...	Picar o Ponto, Fábrica Robinson	Portalegre
2010 - 2012	Fabra i Coats	Barcelona

acessórios usados na cadeia operatória da produção de chapéus que não são compreensíveis para quem não os aprendeu a usar.” (Lira & Menezes, 2004, p. 387). Para se compreender a maquinaria, o seu funcionamento, para que servia e até como efetuar a sua manutenção, foi necessário ouvir quem as conhece, quem trabalhou com elas. Para além do trabalho industrial em si, maquinaria e produtos, os testemunhos orais permitiram o conhecimento de uma comunidade, os seus salários, as suas condições sociais, os ritmos da vida quotidiana, as suas relações familiares, etc., permitindo transformar o museu, não apenas num contentor de máquinas e artefactos, mas sim num museu que apresenta sobretudo seres humanos e as suas histórias (Lira & Menezes, 2004, pp. 387-388).

O museu tem ainda uma Associação dos Amigos do Museu da Chapelaria de São João da Madeira, cujo objetivo é contribuir para o desenvolvimento das ações culturais, científicas e educativas relacionadas com a indústria da chapelaria, e pretende ser também um vínculo de ligação entre a comunidade científica e a sociedade em geral (Museu da Chapelaria, 2016).

Para além do Grupo de Amigos do Museu, que integra também ex-operários, é importante referir aqui uma ex-funcionária em particular, a D. Deolinda que hoje em dia é possível conhecer se visitarmos o museu, na sua bancada de outros tempos, mostrando como fazia os acabamentos dos chapéus antes de seguir para a loja. Ou o Sr. Méssio Trindade, que não trabalha hoje em dia no museu, mas fê-lo no seu início, tal como a D. Deolinda, dando continuidade à sua tarefa, no local onde trabalhava desde os 10

anos de idade. Foi também uma importante fonte oral na investigação antropológica realizada pelo museu (Lira, 2006, p. 80). Com esta atitude de integrar ex-operários no museu, este está a devolver à sociedade Sanjoanense aquilo que lhes pertenceu (Museu da Chapelaria, 2016).

Como realidade próxima à ECC salientamos que após o fecho da empresa, a câmara municipal adquiriu o imóvel rapidamente já com a intenção de aí instalar o museu, e ao recolher alguns testemunhos de ex-operários, percebeu que uma comunidade onde famílias inteiras perderam empregos com o encerramento da indústria, não viu com bons olhos a abertura deste museu, sentindo quase como se lhes estivessem a roubar a sua forma de vida e em alguns casos o sustento familiar. E, nestas condições, o museu teve mais dificuldade em chegar a este grupo de operários descontentes mas sobretudo ainda, desconfiados (Silva, 2015).

Um outro projeto que entendemos de relevo foi o designado Picar o Ponto, desenvolvido na Fábrica Robinson, em Portalegre:

“Picar o ponto, aludindo a um gesto do quotidiano dos operários, foi o título que de imediato nos surgiu quando se pensou uma atividade para manter viva a ligação aos trabalhadores da Fabrica Robinson, que encerrou as suas portas no início de 2009. Com Picar o ponto o operário regressa a Fabrica Vem picar o ponto, e traz consigo o que entender necessário para contar a sua história com a fábrica: objetos, fotografias, documentos ou apenas memórias cria-se um espaço para a partilha de experiências pessoais

através de relatos biográficos. Pretende-se com esta iniciativa aproximar os cidadãos ao espaço da fábrica, sensibilizando-os para a importância do património industrial, cruzando abordagens de especialistas de várias áreas do património cultural e operários num mesmo espaço-tempo. Num registo de participação pessoal procura-se estreitar laços com os antigos operários enquanto agentes fundamentais para a memória da Fabrica Robinson e como elementos essenciais na construção do projeto para o espaço Robinson em Portalegre, cidade portuguesa do Norte Alentejano com forte tradição industrial.” (Tavares & Leite, 2016).

Naquilo que para este trabalho mais nos importa, que é a reconversão da antiga fábrica de cortiça, o museu assumiu um plano de intervenção histórica e museológica, promovendo estudos de caráter antropológico, histórico e etnográfico, através das suas linhas de investigação científica e multidisciplinar, que se iniciou em duas vertentes: o conhecimento da história da família Robinson e o seu papel na industrialização da cidade, e a inventariação do património industrial da fábrica. Um dos primeiros objetivos do projeto foi a captação da dimensão humana desta indústria com a colaboração e testemunhos orais dos trabalhadores. A investigação oral da vertente social funcionava, também aqui, como base para o conhecimento da indústria da cortiça, e desta empresa em particular, e para a concretização do discurso museográfico. O projeto Antigos Habitantes, assim designado,

“incluiu a recolha oral como ferramenta necessária à fixação e salvaguarda da

memória patrimonial imaterial que se reporta à fábrica. Todo um trabalho de registo, de cariz antropológico, da memória do trabalho, do saber-fazer, um percurso pelo quotidiano de bulício industrial, testemunhos de vivências que permitirá construir um painel de histórias de vida que se confundem com a história da fábrica.” (Tavares & Leite, 2014, p. 2).

Com o fecho da fábrica em 2009 e o envelhecimento dos principais intervenientes nesta indústria, o projeto Picar o Ponto surge como defensor do contributo dos operários para o conhecimento da cadeia operatória e de outras dúvidas que ao longo do desenvolvimento museográfico iam surgindo, valorizando-se, assim, os seus testemunhos e a sua história de vida, mantendo vivos os seus esforços e o mais possível, todo o património que cabe no chapéu vasto que é o considerado imaterial (Tavares & Leite, 2014, p. 6), mas que entendemos de forma integrada. Consideramos de importância também para o nosso trabalho de estudo da ECC e para o projeto a que nos propomos apresentar aqui a metodologia usada pelo projeto para Fábrica Robinson, no que respeita aos testemunhos orais e ao contato com as pessoas. Em primeiro lugar os autores referem que partiram de uma base de dados de antigos funcionários da empresa, dando primazia aos mais antigos e aplicando-se o conceito de conversas qualificadas (Tavares & Leite, 2014, p. 9).

No contexto internacional, escolhemos como exemplo a antiga Fabra i Coats em Barcelona. A Coats Fabra SA, antiga Fabra i Coats, fazia parte de um complexo cuja antiga função passa-

va pela atividade de fiação, produção de linhas e redes de pesca, no século XIX, mas composto por edifícios de diferentes anos e, por isso, diferentes estilos de construção, sendo que o mais antigo remonta ao ano de 1890. O edifício principal, escolhido para receber a Fabra i Coats - Art Factory foi construído entre 1910 e 1920. Para a cidade de Barcelona, este edifício é um ícone do seu património industrial e, em 2008, é proposto para fazer parte de uma rede de Art Factory que se compunha por toda a cidade, como parte do programa do Instituto de Cultura de Barcelona (ICUB) (Ajuntament de Barcelona, s/d). O ano de 2009 marca o início do uso da Fabra i Coats como Art Factory com o uso do espaço para instalações dedicadas aos artistas criativos da cidade e assim se transforma a antiga indústria em centro de artes culturais. Foi necessário, no entanto, proceder a um projeto de requalificação do edifício para albergar as novas funções.

Importante também foi a constituição do Grupo de Amigos da Fabra i Coats. Esta associação é composta fundamentalmente por ex-trabalhadores da empresa, alguns com mais de 40 anos de serviço, e cujo objetivo principal é a difusão, recuperação e conservação da memória e história da indústria têxtil, em geral, e da Fabra i Coats em particular, e a sua importância para a industrialização da Catalunha e do bairro de Sant Andreu. Esta associação valoriza os testemunhos dos antigos trabalhadores e é através dos seus contributos que pretende levar a cabo o seu objetivo, elaborando ainda atividades como exposições fotográficas, campeonatos de dominó entre outras atividades, que mantêm a

união entre os ex-trabalhadores e os restantes habitantes de Sant Andreu (Amics Fabra Coats, s/d). Graças a esta associação de amigos, fundada logo após o fecho da atividade fabril, em 2005, e que junta diferentes gerações de famílias de trabalhadores, foi possível manter a documentação (arquivos e fotografias) da empresa, evitando a sua perda, bem como objetos do quotidiano, produção e maquinaria. Foram também recolhidas 14 horas de testemunhos orais de antigos trabalhadores, que continuam o seu trabalho mas agora com caráter museográfico (Gallego, 2014).

4. EIXOS ESTRATÉGICOS

Este trabalho faz parte de uma proposta de projeto que tem como base quatro eixos estratégicos, perspetivados de forma integrada e integradora que apresentamos esquematizada na Fig.1, sendo que aqui apenas iremos focar-nos no que foi o nosso percurso no desenvolvimento do eixo direcionado para a componente social desta indústria.

Estes eixos têm como base quer os casos de referência apresentados quer a moldura normativa internacional e orientam-se por um conjunto de propósitos teóricos que procuramos seguir, de forma a promover o sentimento de pertença da comunidade e da identidade, o conhecimento, a sustentabilidade e os laços de colaboração. São eles:

1. Valorizar os patrimónios, em prol do benefício e desenvolvimento transversal;
2. Agregar interesses e recursos de diferente índole, que permitam constituir redes de transfe-



Fig. 1 - Principais eixos estratégicos. Fonte das imagens: <http://www.candalparque.pt>.

rência, circulação e enriquecimento de conhecimento;

3. Promover a sustentabilidade das redes constituídas, a partir da sua progressiva autonomia e crescimento espontâneo, inteligente e robusto;

4. Atender a sensibilidades e perspetivas em debate no campo teórico do conhecimento subjacente ao património industrial e técnico, para atualização e melhor adequação do projeto em embrião aos referenciais contemporâneos.

No que diz respeito ao eixo correspondente ao fator social, é importante ter em conta que uma empresa como a ECC, com as dimensões que teve e a importância que detinha, não se limitava a ser um mero instrumento económico. Tinha um conjunto de infraestruturas, dentro e em redor das suas instalações, que fazia crescer o número de pessoas envolvidas. Expandindo-se pelo território, criava relações comerciais pela cidade e pelo país, assim como recolhia e explorava as suas matérias-primas em territórios vizinhos.

É importante ter em consideração que estamos numa sociedade em constante mutação e os planos de ação para a valorização do património precisam refletir sobre isso e adequar-se. São várias as mudanças que se apresentam: alterações demográficas, conseqüente envelhecimento da população e perda de conhecimentos, conflitos e desenvolvimento rápido, entre outros fatores. Precisamos potenciar o conhecimento no sentido de perceber de que forma o património estudado pode também estar integrado neste rápido desenvolvimento e contribuir para a criação da identidade cultural e pessoal destas comunidades. Devemos ter em conta a proteção e gestão do património cultural, em articulação com o natural, de forma a torná-lo sustentável e passível a sua preservação e manutenção futuras. Não devem ser só tidos em conta os procedimentos de preservação do património, seja ele qual for, se não forem tidos em conta os futuros procedimentos de gestão e manutenção, bem como de comunicação, acessibilidade e in-

clusão da comunidade que o adota como seu (JPI-CH, 2014, pp. 17-23).

5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS E METODOLOGIA

Nesta fase do projeto e neste contexto, consideramos apenas a componente social, objetivando, para além do estabelecimento de contactos preliminares, explorar a definição das melhores estratégias de atuação, no sentido de:

- 1 - Identificar antigos funcionários e mapear as suas zonas de residência;
- 2 - Estabelecer relações de confiança com antigos operários e familiares;
- 3 - Reconhecer de uma forma geral condições de trabalho, funções e tarefas, zonas de produção e processos de fabrico;
- 4 - Potenciar sentimentos de pertença, com recurso às suas memórias.

Como metodologia, assumimos a pesquisa documental, especialmente a partir do arquivo relativo aos funcionários e a pesquisa por inquérito, estabelecendo contato com ex-operários e familiares e realizando um conjunto de entrevistas semiestruturadas, procedendo à respetiva gravação áudio.

6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao que inicialmente nos pareceu fácil, por experiência anterior em projeto de aproximação a antigos operários de uma unidade papelreira, juntou-se alguma dificuldade, pela complexidade social que a ECC encerrou e encerra por si só.

O primeiro contato foi feito através de uma familiar de um ex-operário, já falecido, que se disponibilizou a facilitar outros contactos. A entrevista à D. Maria Arminda revelou um tempo em que, apesar das dificuldades, esta operária fazia com satisfação o seu trabalho e recorda momentos de descontração, lembrando que saiu da ECC para a reforma. Já a entrevista ao Sr. António N. revela-nos um outro lado da história da empresa. Na altura em que se dá a mudança de atividade e cisão das empresas, alguns funcionários viram os seus postos de trabalho comprometidos e, face a esse tempo, existe um descontentamento que dificulta tentativas de aproximação.

Foi facilmente perceptível que, a aproximação da antiga comunidade, o reavivar dos sentimentos de pertença, de identidade e das memórias, não seria feito de forma simples nem homogénea. Uma empresa destas dimensões e importância teve diferentes fases de vida, diferentes intervenientes, potenciou diferentes sentimentos e é necessário tê-los em conta, para que seja possível preservar este património e levar as pessoas novamente ao seu antigo local de trabalho.

Será importante entender que as fases de recessão económica, de cisão das empresas e mesmo de mudança de atividade e funções, apesar de não terem sempre aspetos positivos, também fazem parte da história da ECC e ditaram os caminhos para a sua preservação, tal como ela foi realizada até aos nossos dias. E, não é menos importante valorizar as memórias do Sr. António N., por ter vivido uma fase diferente e mais complicada que a D. Maria Arminda.

Antes, valorizá-la enriquecerá o nosso estudo sobre este importante exemplo de património.

Esta fase exploratória permitiu-nos identificar alguns nomes e moradas para novos contatos, bem como perceber sensibilidades que podem ser potenciadas, de forma avisada. Facultou as bases de nova fase de trabalho de planeamento de estratégias de abordagem, em curso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas principais ferramentas de gestão ao nível internacional e nos respetivos conceitos inerentes ao tema do património industrial, à sua salvaguarda e valorização integradas, partindo do estudo da empresa e sem perder de vista projetos nacionais e internacionais que são inspiradores para o desenvolvimento do trabalho, estamos cientes que esta primeira aproximação à comunidade da ECC é um válido contributo para a sua dinamização e, com ela e para ela e outras, para a preservação, valorização e potenciação do espaço físico e do espírito do lugar.

NOTAS

1. José Nicolau Vilar Saraiva foi admitido na empresa em 1924 para prestar serviço na secção dos metais, que passou a chefiar em 1926. Entre outras, passa a desempenhar funções como Diretor Técnico da empresa, em meados de 1929 (Saraiva, 1985, pp. 6-9).

2. O tubo Bergmann fabricado pela Electro-Cerâmica era constituído por um tubo de papel alcatroado (Mimeur, 1955, p. 31), coberto por cintas de ferro chumbado, ou de zinco, que se destinava à proteção dos fios elétricos numa distribuição, com um alto grau de segurança, definição que resulta da descrição de Saraiva (1985, p. 30). Para uma melhor definição de Tubo Bergmann pode ainda consultar-se (Antuña, 2009, p. 443) e (Fink, Beaty, & Carroll, 1981, p. 10 e 169).

AGRADECIMENTOS

À Administração do Candal Park - Centro de Negócios e Empresas, em especial à Dra. Elizabeth Ruge, à Dra. Luciana e ao Eng.º Rui Cavadas, pela disponibilidade e apoio prestados. Também ao Senhor Eng.º Vasques de Carvalho, por muito amavelmente se ter dirigido ao Parque Empresarial para conversar connosco e pelo grande conhecimento que possui e transmitiu, assim como a todos os ex-funcionários que se disponibilizaram para contar as suas experiências e memórias, permitindo uma abertura de ângulo de horizonte ao conhecimento da realidade da ECC a partir da perspetiva de quem a viveu. Em especial à Cátia, neta e afilhada de ex-funcionários que, na posse de informações valiosas, nos acompanhou pessoalmente no contato com estas pessoas. Finalmente, às orientadoras Susana Medina e Paula Menino Homem, pelos desafios, incentivo, abertura de horizonte científico e metodológico e pelas várias revisões.

REFERÊNCIAS

- ADP. (1914). Po 4º, 844. Arquivo Distrital do Porto, Porto
- Amics Fabra Coats. (s/d). L'associació. Retrieved 12 Janeiro, 2017, from http://www.amicsfabra.coats.ea26.com/l-associacio_3211256.html
- Ajuntament de Barcelona. (s/d). Fabra i Coats, Fàbrica de Creació de Barcelona. Retrieved 12 de Janeiro, 2017, from <http://fabraicoats.bcn.cat/en/artfactory>
- Antuña, Joaquín. (2009). *Léxico de la construcción* (J. Antuña Ed.). Madrid: Editorial CSIC - CSIC Press.
- Candal Park. (2005). De indústria de porcelanas a parque empresarial... . 2016, from <http://www.candalparque.pt/historia.php>
- Candal Park. (2016). Sobre o Candal Park. Retrieved 01 de Agosto, 2016, from <http://www.candalparque.pt/quemsomos.php>
- Coats, Amics Fabra. (S/d). L'associació. Retrieved 12 Janeiro, 2017, from http://www.amicsfabra.coats.ea26.com/l-associacio_3211256.html
- Fink, Donald G., Beaty, H. Wayne, & Carroll, John M. (1981). *Manual práctico electricidad ingenieros* (Vol. Tomo I). Barcelona: Editorial Reverté, S.A.
- Gallego, Natalia Piernas. (2014). La historia de empresa, el valor de una marca. Património Industrial. Retrieved 12 de Janeiro, 2017, from <http://www.nataliapiernas.com/patrimonio-industrial/fabra-i-coats-recuperacion-patrimonio-industrial/>
- Guimarães, Helena. (2009). Vila Nova de Gaia. *Electro-Cerâmica 1919-2009* (1 ed.). Vila Nova de Gaia: Modo de Ler.
- JPI-CH. (2014). Strategic Research Agenda JPI Cultural Heritage and Global Change Retrieved from <http://www.jpi-culturalheritage.eu/wp-content/uploads/SRA-2014-06.pdf>
- Lira, Sergio. (2006). Um caso de reutilização de património arquitectónico industrial. O museu da Indústria da Chapelaria de São João da Madeira. <http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/737/1/75-82Pages%20from%20aObraNasce04-6.pdf>
- Lira, Sergio, & Menezes, Suzana. (2004). Património Imaterial: Ainda Vamos a Tempo? Memórias e artefactos que falam de Chapelaria: património imaterial no museu da Indústria de Chapelaria. Paper presented at the Conservar Para Quê? 8ª Mesa-redonda de Primavera, Porto. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10068.pdf>

Silva, Graça Alexandra Pinho (2017). A Electro-Cerâmica do Candal e as suas comunidades: Interagir e incluir em processo de musealização. Abordagem preliminar. *Ensaios e Práticas em Museologia*. Porto, Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DCTP, vol. 6, pp. 66-80.

- Matos, Ana Cardoso, Ribeiro, Isabel Maria, & Santos, Maria Luísa. (2003). Intervir no Património Industrial: Das Experiências realizadas às novas perspetivas de valorização. In M. d. L. Sampaio (Ed.), *Reconversão e Musealização de Espaços Industriais*. Atas do Colóquio de Museologia Industrial (1 ed., pp. 21-32). Porto: Museu da Indústria.
- Mimeur, R. (1955). *Electromecánica de precisión*. Barcelona: Reverté.
- Museu da Chapelaria. (2016). Sobre o Museu da Chapelaria. Retrieved 13 de Janeiro 2017, from <http://www.museudachapelaria.pt/pt/sobre-o-museu>
- Oliveira, Joaquim Morais. (1998). Empresa Electro-Cerâmica do Candal - Um caso de Reconversão Funcional. *A Indústria Portuguesa em Perspetiva Histórica: Actas do colóquio*. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5291.pdf>
- Saraiva, José Nicolau Vilar. (1985). Apontamentos sobre a vida da empresa Electro Cerâmica desde a sua fundação até à sua compra pela fábrica de porcelanas da Vista Alegre. Vila Nova de Gaia.
- Silva, Mariana. (2015). Das Máquinas às pessoas: O lugar do imaterial nos museus industriais. Paper presented at the III Encontro Internacional Sobre Património Industrial e sua Museologia, Guimarães.
- Tavares, Célia Gonçalves, & Leite, Roberto. (2014). O projeto Picar o Ponto: Memórias orais de operários da Fábrica Robinson. *MIDAS - Museus e Estudos Interdisciplinares*, 3, 1-18.
- Tavares, Célia Gonçalves, & Leite, Roberto. (2016). O projeto Picar o Ponto: Memórias orais de operários da Fábrica Robinson. Retrieved 19 de Janeiro, 2017, from <http://citeweb.info/20141945865>
- UNESCO. (2003). *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Paris: UNESCO Retrieved from <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>.
- TICCIH. (2003). *The Nizhny Tagil Charter for the Industrial Heritage*. TICCIH Retrieved from <http://ticcih.org/wp-content/uploads/2013/04/NTagilPortuguese.pdf>.